

Michel Foucault e Paul B. Preciado: notas sobre a produção e a desconstrução de subjetividades

RESUMO

Renato Alves Aleikseivz

E-mail: renato.aleik@hotmail.com
Universidade Federal do Paraná,
Curitiba, Paraná, Brasil.

Este artigo pretende ser uma apresentação das elaborações de Michel Foucault e Paul B. Preciado acerca da questão da produção e da desconstrução da subjetividade. Em diálogo com a teoria *queer* e os estudos de gênero, pretendemos apresentar como Foucault tematizou a questão da sexualidade de um modo pioneiro e, a partir da via aberta por ele, compreender os desenvolvimentos posteriores. Nesse sentido, o pensamento de Preciado parece-nos salutar para um desenvolvimento das descobertas de Foucault. Afinal, mesmo que o filósofo francês tenha compreendido a sexualidade envolta em relações de poder, nem por isso sua proposta de resistência revela-se em sua radicalidade. Preciado, por sua vez, reconhecendo a importância das investigações de Foucault, procura aliar teoria e prática, ou seja, construindo uma reflexão sobre a resistência na chave do que chamará de *constrassexualidade*. Como metodologia, utilizaremos principalmente os textos genealógicos de Michel Foucault, a saber, *Vigiar e punir* (2010), *A vontade de saber* (1988) e alguns cursos do período de 1970. Para trabalhar com o pensamento de Preciado recorreremos às obras *Manifesto contrassexual* (2014) e *Testo Junkie* (2018), bem como ao artigo *Multidões queer* (2011). Em suma, não possuímos a intenção, em si mesma impossível, de dar conta deste debate. Ao contrário, intentamos oferecer “notas”, ou seja, pistas para a reflexão sobre o ser sujeito no mundo contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Poder; teoria *queer*; Michel Foucault e Paul Preciado; resistência; dispositivo de sexualidade.

INTRODUÇÃO

É deste modo que o filósofo Paul B. Preciado descreve, na obra *Testo Junkie*, uma de suas sessões de aplicação de testosterona

Nesse mesmo dia, umas horas mais tarde, aplico na pele uma dose de 50mg de Testogel para começar a escrever este livro. Não é a primeira vez. Essa é minha dose regular. As cadeias de carbono O-H3 C-H3 C-OH penetram gradualmente a epiderme até as camadas internas, até os vasos sanguíneos, as glândulas, as terminações nervosas. Não tomo testosterona para me transformar em um homem, nem sequer para transexualizar meu corpo. Tomo simplesmente para frustrar o que a sociedade quis fazer de mim, para escrever, para trepar, para sentir uma forma pós-pornográfica de prazer, acrescentar uma prótese molecular à minha identidade transgênero *low-tech* de dildos, textos e imagens em movimento, para vingar sua morte (PRECIADO, 2018, p. 17-18).

Nessa passagem, Preciado confessa as suas motivações para a utilização da testosterona em gel, depois da descoberta da morte de um amigo. Dentre os motivos, gostaríamos de destacar precisamente este: “para frustrar o que a sociedade quis fazer de mim”¹. De fato, a partir do século XX encontramos uma profusão de autores que pensam a construção de um “sujeito sujeitado”, a saber, Michel Foucault, Monique Wittig, Gilles Deleuze, Judith Butler, Paul B. Preciado. O sujeito sujeitado é aquele que tem sua subjetividade construída por meio de técnicas e mecanismos de poder. Os sujeitos femininos, por exemplo, são construídos, como pretendemos mostrar, por meio de práticas patriarcais seguramente, mas outrossim por meio de práticas disciplinares, tal como investigou Foucault ao longo dos anos setenta. Neste contexto, o sujeito feminino é construído em oposição direta ao modelo liberal. Ou seja, “elas são construídas como sujeitos dependentes de outros, que devem suprimir seus interesses agressivos e egoístas, suas ambições e demonstrar qualidades de cuidado e proteção” (OKSALA, 2019, p. 116).

Com efeito, partimos da convicção de que as subjetividades, isto é, os modos de “ser sujeito”, são construídos/produzidos historicamente pelos mais variados mecanismos de poder. Porém, igualmente, há um campo de possibilidades e de liberdade para os sujeitos desconstruírem ou mesmo destruírem suas identidades sujeitadas. Neste artigo, pretendemos pensar a sujeição e subjetivação privilegiando o âmbito do gênero e da sexualidade.

Para realizar essa tarefa recorreremos às reflexões dos filósofos Michel Foucault e Paul Preciado. Nossa análise, a despeito da imagem prática, real e objetiva de aplicação do testogel, será fundamentalmente teórica. No entanto, como aponta o sociólogo e filósofo Didier Eribon (2008, p. 23), “não são apenas problemas teóricos que estão em jogo” quando debruçamo-nos sobre as questões de gênero e sexualidade. Evidentemente, trata-se de um problema vital; trata-se da vida e da morte de indivíduos; em suma, trata-se da potência da vida ou do seu esgotamento.

A fim de apresentar um quadro geral de nossa análise, gostaríamos de discorrer sobre uma imagem real, vivenciada por muitos sujeitos, como construção de uma subjetividade sujeitada. Eribon (2008) inicia sua obra *Reflexões sobre a questão gay* invocando uma situação bastante conhecida dos sujeitos considerados desviados da norma sexual e de gênero socialmente aceita: a injúria. Afirma ele:

“Viado nojento” (“sapata nojenta”) não são simples palavras lançadas em passantes. São agressões verbais que marcam a consciência. São traumatismos sentidos de modo mais ou menos violento no instante, mas que se inscrevem na memória e no corpo [...]. E uma das consequências da injúria é moldar a relação com os outros e com o mundo. E, por conseguinte, moldar a personalidade, a subjetividade, o próprio ser de um indivíduo (ERIBON, 2008, p. 27).

O insulto produz o reconhecimento, para o indivíduo, de que ele é diferente, estranho, anormal. Mais que isso, aquele que lança um insulto acredita que possui um domínio sobre o outro. Esta é uma das formas de sujeição, talvez a mais compartilhada ou visível, pela qual os indivíduos desviantes da norma, ao longo de suas existências, se deparam. Em consonância com esta imagem, não apenas teórica, este artigo pretende refletir, a partir de filósofas e filósofos contemporâneos, as práticas de sujeição e as possibilidades de resistência abertas ao sujeito.

CONCEITUAÇÃO

A fim de logarmos êxito nessa tarefa, metodologicamente nosso estudo terá como foco dois pensadores principais, a saber, o filósofo francês Michel Foucault e o filósofo espanhol Paul B. Preciado.

Foucault é considerado por muitos o pai de um novo modelo de investigação acerca da sexualidade. Dentre outros aspectos, destaca que a sexualidade possui o caráter de efeito de mecanismos e tecnologias de poder. Os corpos e os sujeitos, pelo menos em um período da produção foucaultiana, são entendidos como produtos ou efeito dos poderes, sejam eles os micropoderes disciplinares ou mecanismos abrangentes de uma biopolítica da população. Mas, mesmo que não exista um “lugar do fora” com relação ao poder, Foucault (1988) também indica a possibilidades de resistência.

E é nesse sentido, de ampliação dos campos teórico e prático abertos por Foucault, que utilizamos as análises de Paul Preciado. O trabalho do filósofo espanhol possui uma referência primordial para com Foucault, mas também Judith Butler e outros teóricos/as *queer*². Todavia, o mais interessante de se destacar é o caráter prático e experimental de seu pensamento. Buscando um modo de vida para além do dispositivo de produção de sexualidade (heterossexual, evidentemente), ele procura pensar tecnologias de contrassexualidade.

Em síntese, o conjunto da obra do filósofo francês é perpassado pelo desejo de criação de uma vida outra. Em outros termos, ele sempre enxergou na tarefa da filosofia, ou seja, da reflexão, a busca por rejeitar uma identidade que nos foi imposta e a possibilidade de criação de novos modos de vida. Foucault também foi um dos primeiros pensadores a explorar filosoficamente a questão da sexualidade. Desse modo, reconhecendo a importância das elucubrações políticas foucaultianas, pretendemos utilizar suas análises da genealogia do poder, ou seja, os textos escritos na década de setenta, com a intenção de pensar a produção do sujeito sujeitado. As obras *Vigiar e punir*, de 1975, *História da sexualidade I – A vontade de saber*, de 1976, são centrais para a conceituação do poder enquanto produtores de sujeitos. Os cursos do período também constituem um apoio importante nesta tarefa. Ao fim, pretendemos explorar qual o significado de sua

volta aos gregos e aos conceitos de “estética da existência” e “cuidado de si”. Aparentemente, Foucault visa a criação de modos de vida resistentes.

Paul Preciado, contudo, compreenderá que a proposta de volta aos gregos é uma retro-ficção. Então, encontramos uma espécie de tensão. Por um lado, há o reconhecimento da importância de algumas descobertas no campo da sexualidade, vislumbradas por Foucault. Por outro lado, há a percepção de que o filósofo francês não foi longe demais na tematização da resistência. É por isso que Preciado, ao lado de outras/os teóricas/os *queer*, proporá práticas subversivas de identidade sexual ou ainda práticas experimentais de modificação de si. Como base bibliográfica utilizaremos as obras *Manifesto contrassexual* (2014) e *Testo Junkie* (2018), bem como seu artigo *Multidões queer* (2011).

Ao fim e ao cabo, o ponto central é a compreensão da produção de si, passando da sujeição à subjetivação. Nossa aposta é a de que a compreensão das tecnologias ou dispositivos, para usar o léxico foucaultiano, que produzem nossas percepções da sexualidade, do gênero e da normalidade devem ser examinados, enfrentados e, quiçá, transformados.

OS RITUAIS METICULOSOS DO PODER E A CRIAÇÃO DE SUJEITOS

“Todo poder é físico”, sentencia Michel Foucault (2006, p. 19). Em outros termos, nosso pensador quer evidenciar que o ponto de aplicação dos poderes é sempre, ao fim e ao cabo, o corpo. Neste momento, pretendemos, portanto, explorar os conceitos de poder e corpo, tal como tematizados por Foucault.

Em *Vigiar e punir* (2010), obra publicada em 1975, Foucault apresenta a produção do sujeito por meio de procedimentos e técnicas disciplinares. De um modo geral, nesta obra nosso pensador possui dois principais objetivos. Em primeiro lugar, pensar a evolução da punição no mundo ocidental, começando com a sociedade de soberania e partindo para as sociedades disciplinares. E em segundo lugar, ele almeja oferecer uma outra concepção para o conceito de poder. Ao tradicional entendimento do poder enquanto local dos contratos, do consentimento, da dominação, da lei, do poder do soberano, seja ele o rei ou o Estado, Foucault contrapõe inúmeros poderes que constituem o tecido social. É nesse quadro que surge a noção de “microfísica do poder”. Vejamos, *grosso modo*, como essa noção aparece na pesquisa foucaultiana.

Discorrendo sobre os modos de punição, Foucault percebe um aspecto muito interessante na concepção e nos modos de punir. A partir do século XVIII, emerge toda uma nova elaboração da punição assentada na noção de disciplina. *Vigiar e punir* se inicia com uma cena assustadora, sangrenta e violenta de um corpo sendo supliciado e esquartejado em praça pública. No entanto, de uma forma incrivelmente rápida, esse poder que suplicia o corpo vai sendo substituído por um outro poder de punir, mais discreto e, por isso mesmo, mais insidioso que é a disciplina. Se Foucault se interessa pela punição ou pela prisão é porque ela revela o funcionamento da própria sociedade. Em outros termos, o interesse de Foucault reside no fato de que o corpo humano passa a ser visto de uma maneira totalmente nova. O corpo passa a ser compreendido como cada vez mais mergulhado numa trama política. “As relações de poder têm um alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no

a cerimônias, exigem-lhe sinais” (FOUCAULT, 2010, p. 29). Nosso pensador chama a esse investimento político no corpo de “tecnologia política do corpo”.

O que seria essa tecnologia? Ora, ela se constitui, precisamente, da construção de práticas, padrões e hábitos que visam construir o corpo e a subjetividade. De fato, seria mais correto falar em tecnologias políticas e em poderes, no plural, para a correta apreensão desse fenômeno. Ou seja, “seria impossível localizá-la [essa tecnologia política do corpo], quer num tipo definido de instituição, quer num aparelho do Estado” (FOUCAULT, 2010, p. 29). A perspicácia de Foucault reside no fato de perceber que o poder disciplinar não se encontra somente na prisão, objeto de estudo de seu livro, como poderíamos pensar desavisadamente. Ao contrário, o importante seria destacar o funcionamento de inúmeros poderes em funcionamento no tecido social. Tal como a imagem da teia de aranha, esses poderes funcionam espalhados em rede. Nasce aí a importante caracterização do poder enquanto microfísica, enquanto micropoderes que circulam e constituem a sociedade.

Por ser da ordem do exercício, da tecnologia, esses poderes produzem, então, tanto o corpo quanto a alma (subjetividade) dos indivíduos. No entanto, é preciso prestar atenção para o fato de que, para Foucault, o poder disciplinar não pode ser remetido à pura dominação, coação ou mutilação dos sujeitos, isso porque não há algo como uma “natureza humana” ou essência para ser mutilada. Pelo contrário, como apresenta nosso pensador na terceira parte de *Vigiar e punir*, os corpos são construídos visando a produtividade e docilidade. Inicia-se, assim,

Uma “anátomo-política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder” [...]; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência) (FOUCAULT, 2010, p. 134-135).

O que acontece quando os indivíduos são expostos à ação do poder disciplinar? Naturalmente, ocorre que os objetivos do poder são internalizados ou incorporados pelo sujeito. Daí nasce a sujeição. Essa produção sujeitada dos indivíduos ocorre porque estes estão sob o jugo de meticulosos rituais de poder. Foucault chamará esses rituais de “recursos para o bom adestramento”. Essa tecnologia disciplinar é veiculada por meio de instituições as mais diversas: a escola, a fábrica, a caserna, o hospital, a prisão. De modo que é possível se perguntar: “devemos ainda nos admirar que a prisão se pareça com as fábricas, com as escolas, com os quartéis, com os hospitais, e todos se pareçam com as prisões” (FOUCAULT, 2010, p. 214). É produzido um arquipélago carcerário e disciplinar em toda a sociedade com a função de normalizar gestos e comportamentos.

Dessas reflexões mais gerais e teóricas acerca da concepção foucaultiana de poder, podemos, outrossim, abordar nosso tema central, ou seja, a produção e desconstrução de subjetividades. Com efeito, Johanna Oksala apresenta uma importante leitura, a partir de Sandra Bartky, apoiada nestes elementos do poder disciplinar que apresentamos acima. Para Oksala (2019, p. 117), na esteira de Bartky, “um sujeito feminino dócil é construído por meio da internalização de hábitos disciplinares”. Não obstante, é preciso reconhecer, segundo ela, a

importância do caráter inédito e politizador de diversos âmbitos e instituições que, na aparência, apresentam-se como neutros. A analítica foucaultiana do poder explora seu exercício em dimensões que, em princípio, não são percebidas como exercendo algum tipo de poder. Contudo, é preciso reconhecer também as limitações da análise foucaultiana. Afinal, não estava no escopo das pesquisas foucaultianas pensar modalidades de sujeição, por exemplo, propriamente femininas.

Seria preciso pensar, portanto, em práticas de disciplinamento, tais como as dietas e regimes de emagrecimento que apontam para um corpo feminino ideal, ao qual as mulheres – mas não apenas, como veremos – precisam se conformar. Conforme destaca Oksala (2019, p. 118), essas práticas disciplinares visam a “uma regulação exaustiva do tamanho do corpo e seus contornos, seu apetite, postura, gestos e comportamentos, bem como a aparência de cada uma de suas partes visíveis”.

Ora, se as práticas disciplinares, tal como desenvolvidas por Foucault, aparecem em pleno funcionamento em instituições específicas (a escola, a fábrica, o hospital etc.), sua ampliação mais recente revela que são os “discursos especialistas” (de saúde, *coaches* etc.), a mídia e as redes sociais, que aparecem agora operando tais práticas de disciplinamento. Esses discursos versam sobre como andar, como falar, como se maquiar, como estilizar o cabelo. Ademais, eles criam os hábitos e exigências para uma feminilidade submissa. Nessa chave, é possível compreender as recentes matérias que se avolumam nos jornais sobre os efeitos nocivos que as redes sociais, notadamente o *instagram*, possuem sobre as subjetividades. As vidas e corpos das redes sociais são muitas vezes incorporados como metas, como objetivos. E para isso é necessário a disciplina.

Com efeito, por que aceitar os efeitos nefastos e normativos sobre os corpos, principalmente os femininos? Em outros termos, como explicar que exista a concordância de muitas mulheres nessa submissão? Assim como Foucault demonstrou que os hábitos, corpos e subjetividades são criados mediante vigilâncias, repetições e sanções, Oksala (2019, p. 118) aponta que o caráter persuasivo dessas práticas “estão ligadas a poderosas sanções e recompensas”. Em um mundo dominado por homens, segue ela, a principal sanção é exemplificada na recusa da proteção masculina. Por fim, as tecnologias disciplinares se apoiam, igualmente, no senso de vergonha. Ou seja, o caráter normativo da mentalidade masculina e patriarcal acaba por condicionar as mulheres em uma busca por padrões aceitáveis de corpo e existência.

Essas elucubrações sobre a construção do sujeito feminino aplicam-se, de modo muito semelhante, aos corpos de homossexuais masculinos que não se conformam com a masculinidade dominante exigida. Como exemplo, podemos citar a dinâmica que se forma em aplicativos de encontros, sexuais ou não, que estão disponíveis para download em celulares. Em estudo, Luiz Felipe Zago apresenta o discurso disciplinarmente idealizado operando também em encontros gays. Há um padrão de masculinidade a ser seguido. Para a grande maioria dos usuários, “a aproximação com quaisquer características femininas é veementemente negada e rechaçada. O homem ‘afeminado’ surge [...] como aquela abjeção contra a qual ele [o homem ‘macho’] deve se colocar” (ZAGO, 2010, p. 385). A construção do sujeito feminino pode descrever, do mesmo modo, as experiências de lésbicas que não performam a feminilidade exigida (as chamadas *butch*), tal como descrevemos acima. Particularmente, no caso dos homossexuais

que não performam o ideal de masculinidade, revela-se para ele muitas vezes um tratamento violento, cruel e que, em última instância, produz a morte. Por outro lado, o discurso fitness é muito forte entre os homossexuais, pois encontram na rigidez das academias uma possibilidade de construção de corpos desejáveis e socialmente aceitos.

De fato, nossa aposta é a de que esse tratamento que se revela, no limite, mortal, só é possível porque foi construída, ao longo de séculos, a ideia que há o verdadeiro sexo, a verdadeira sexualidade, um verdadeiro modo de ser homem ou mulher.

SEXO/SEXUALIDADE ENQUANTO ESTRATÉGIA BIOPOLÍTICA

É matéria controversa para alguns, mas a análise de Foucault (1988) em *A vontade de saber*, primeiro volume de sua *História da sexualidade*, é considerado um estudo pioneiro na perspectiva do sexo e da sexualidade enquanto alvos e efeitos dos mecanismos de poder³. Com efeito, no que diz respeito à teoria *queer*, Guacira Lopes Louro enxerga uma certa ambiguidade no pensamento foucaultiano, ou, pelo menos, em sua recepção. Para ela, “alguns poderiam argumentar que Foucault está na origem do que veio a se chamar teoria ou estudos *queer*. Não faço essa afirmação [...]. Além disso, Foucault nunca pretendeu fundar qualquer teoria nem inaugurar nada” (LOURO, 2009, p. 135). Mesmo com essas ressalvas, é preciso admitir, segundo ela, que muito da teoria *queer* está enredada no pensamento do filósofo francês. Para outro teórico brasileiro, Richard Miskolci (2009), há uma relação bastante evidente entre o pensamento de Foucault e os estudos *queer*. No entanto, há tensões. “Em comum, tanto Foucault quanto os *queer* enfatizam a maneira como o poder opera por meio da adesão dos próprios sujeitos às normas sociais” (MISKOLCI, 2009, p. 325). Por fim, Tamsin Spargo compreende essa relação de uma maneira muito mais essencial.

A vida e obra de Foucault, bem como suas conquistas e demonização, fizeram dele um modelo poderoso para gays, lésbicas e intelectuais, e sua análise das inter-relações entre saber, poder e sexualidade foi o catalisador intelectual mais importante da teoria *queer* (SPARGO, 2017, p. 12).

Não é nossa intenção colocar fim a este debate. Porém, é preciso admitir a importância que a publicação de *A vontade de saber* exerceu sobre os estudos que levam em conta a relação entre sexo, sexualidade, verdade e poder. Vejamos, então, no que consiste a novidade na referida obra de Foucault.

A maior polêmica de *A vontade de saber* é, possivelmente, sua crítica à “hipótese repressiva”. De modo geral, Foucault afirma que, ao contrário do senso comum, não estaria pesando sobre o sexo uma repressão cada vez maior. Segundo ele, há uma profusão de discursos convidando-nos a libertar o sexo dos grilhões que, seguramente desde o século XVIII, ele foi enclausurado. Ora, é em oposição a essa hipótese da repressão do sexo que Foucault introduz a noção de que, na verdade, há uma incitação ao discurso.

Mas o essencial é a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder: incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais; obstinação das instâncias do poder a ouvir falar e a fazê-lo falar ele próprio sob a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente calculado (FOUCAULT, 1988, p. 24).

Da confissão católica, passando pelo âmbito penal até a psicanálise, houve uma incitação para que se examine a si mesmo e a seus desejos; incitação para que os prazeres e pensamentos íntimos sejam ditos e confessados. É neste contexto que Foucault, ao rejeitar a hipótese repressiva em detrimento da incitação aos discursos, entende o aparecimento da categoria de sexualidade.

Grosso modo, a sexualidade tornou-se um problema quando houve esta proliferação de discursos, saberes e práticas. A sexualidade, enquanto objeto de pensamento, isto é, enquanto conceito, é também objeto de disputa. Por um lado, há aqueles que entendem a sexualidade como um dado natural, algo que está “sempre aí”. Para outros, a sexualidade é objeto de construção social histórica e, portanto, maleável, modificável. Foucault é quase sempre classificado como pertencendo a esta segunda leitura, isto é, ele enxergaria uma construção histórica nos modos de viver a sexualidade. Nossa aposta é a de que nosso filósofo não pode ser classificado como pertencendo a nenhum destes campos. Evidentemente, ele está longe de afirmar que a sexualidade é um dado da natureza. Não obstante, ele não está interessado em mostrar como a sexualidade é construída socialmente⁴. Nossa aposta, apoiada em suas próprias palavras, é a de que o que importa para ele é mostrar como a sexualidade tornou-se uma preocupação. Em outras palavras, como ela foi problematizada, como ela tornou-se alvo de “problematizações”. A maneira que ele encontra de abordar os problemas políticos é, então, da ordem da problematização, “ou seja, da elaboração de um domínio de fatos, práticas e pensamentos que me parecem colocar problemas para a política” (FOUCAULT, 2001, nº 342, p. 1412, tradução nossa). Como veremos, a abordagem da sexualidade revela que ela é um campo que possui relação umbilical com regulações, prescrições, leis, estruturas políticas. Foucault (1988) se preocupa, em síntese, em entender como a sexualidade tornou-se um problema para a política.

O filósofo então aponta para a criação de um dispositivo que produz as “verdades” sobre a sexualidade. Produziu-se um “dispositivo de sexualidade”. Foucault (2001, .206, p. 299, tradução nossa) entende o dispositivo como

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, em suma: o dito e não dito são elementos do dispositivo. O próprio dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. [...] Entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes. [...] Em terceiro lugar, entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante.

Nesse sentido, nosso filósofo advoga que a história da sexualidade deveria ser feita do ponto de vista dos discursos, afinal, a “sexualidade” seria o correlato dessas práticas discursivas que formam uma *scientia sexualis*. Desse modo, discordamos de Tamsin Spargo (2017) quando esta procura identificar, mesmo com sutil ressalva, o pensamento de Foucault como essencialmente construtivista. Segundo sua análise, a sexualidade é uma categoria construída e que possui origens históricas, sociais e culturais, não biológicas. Assim, a “crença de que a sexualidade é natural não significa que ela seja” (SPARGO, 2017, p. 15). Ora, como afirmamos acima, a “biologia” não constitui um problema a Foucault, mas sim como fatos biológicos são assumidos como estratégias gerais de poder. Spargo

(2017) acerta, contudo, ao salientar que ele “estava mais interessado em como ‘a sexualidade’ funciona na sociedade do que saber o que ela é” (SPARGO, 2017, p. 15).

Por conseguinte, o primeiro volume da história da sexualidade de Foucault pode ser considerado um desenvolvimento da abordagem do poder, realizada principalmente em *Vigiar e punir*. Como mostramos, até então Foucault tinha como preocupação os micropoderes que pululam na sociedade e sujeitam o indivíduo e seu corpo a normalizações constantes. Porém, essa análise é muito restrita a instituições específicas – a escola, o hospital, a prisão. Foucault (1988) percebe a necessidade de ampliar a sua analítica dos poderes. Assim é que em *A vontade de saber* ele inicia uma tematização da figura do Estado ao introduzir os conceitos de biopoder/biopolítica.

Foucault, por seu turno, nunca teve uma preocupação em definir e diferenciar os dois conceitos. De modo geral, podemos afirmar que o biopoder é a forma mais geral de poder sobre a vida, o que engloba tanto as disciplinas quanto as técnicas de conjunto, entendidas como estratégias de governo das populações. E a biopolítica, como já indicamos, é composta pelas técnicas a partir das quais a população, ou seja, o conjunto dos indivíduos, entrará como alvo de gerenciamentos. Assim, na parte final de *A vontade de saber*, Foucault (1988) diferencia as sociedades de soberania das sociedades de biopoder.

Nas sociedades de soberania, o soberano tinha o direito de vida e de morte sobre os indivíduos. “O direito que é formulado como ‘de vida e morte’ é, de fato, o direito de *causar* a morte ou de *deixar viver*” (FOUCAULT, 1988, p. 148, grifos no original). No entanto, a partir do século XVIII, esse mecanismo de poder sofre uma grande transformação. Essa transformação revela-se como sendo o surgimento da biopolítica, isto é,

[...] um poder destinado a produzir forças, a fazê-las crescer a ordená-las mais do que a barrá-las, dobrá-las ou destruí-las. Com isso, o direito de morte tenderá a se deslocar ou, pelo menos, a se apoiar nas exigências de um poder que gere a vida e a se ordenar em função de seus reclamos (FOUCAULT, 1988, p. 148).

Assim, o novo poder que surge no Ocidente é um poder de “causar” a vida. Afinal, quando a política se torna biopolítica, isto é, quando a vida afeta o cerne do político, iniciam-se os problemas. Qual vida deve ser positivada, gerida, aumentada suas forças? Por consequência, quais vidas são “devolvidas” à morte? Com a entrada do conceito de biopolítica/biopoder, nosso pensador consegue construir um quadro amplo e com inteligibilidade maior para a dinâmica do poder e da construção dos sujeitos e de sua subjetividade. Em suma:

Desenvolvimento rápido, no decorrer da época clássica, das disciplinas diversas – escolas, colégios, casernas, ateliês; aparecimento, também, no terreno das práticas políticas e observações econômicas, dos problemas de natalidade, longevidade, saúde pública, habitação e migração; explosão, portanto, de técnicas diversas e numerosas para obterem a sujeição dos corpos e o controle das populações (FOUCAULT, 1988, p. 152).

Com este conceito é possível perceber o refinamento na compreensão e abordagem do poder. Agora, não apenas os corpos individuais são alvos do poder. Também os indivíduos agrupados em população com seus processos (natalidade,

mortalidade, longevidade etc.) aparecem como alvo de um poder bastante amplo. É neste quadro que a sexualidade aparece como estratégia nacional pelos Estados.

O sexo e a sexualidade tornam-se alvos de disputas políticas. Essa assunção do sexo como alvo do poder acontece porque ele está na articulação entre os dois eixos que o poder sobre a vida, o biopoder, exerceu. Como mostramos acima, ele, o sexo, é alvo das disciplinas, ou melhor, do poder disciplinar que atua sobre o corpo buscando seu adestramento, sua intensificação, o aumento de suas forças. De outro lado, ele pertence também ao registro da regulação da população, por meio das medidas estatísticas, campanhas de saúde, de natalidade etc. “O sexo é acesso, ao mesmo tempo, à vida do corpo e à vida da espécie” (FOUCAULT, 1988, p. 159). Foucault, por fim, oferece como exemplo quatro linhas de ataque dessa “política do sexo”. São elas: a sexualização da criança; a histerização das mulheres; o controle da natalidade; e, por fim, a psiquiatrização das perversões. Em comum, todas essas formas pretendem realizar uma gestão da vida.

Destarte, esse é o mecanismo pelo qual os corpos foram sendo assumidos pelo poder, tratados e normalizados. Cumpre notar, ainda, que a despeito do objetivo da biopolítica ser o crescimento da vida, efeitos inversos acontecem e, então, a biopolítica pode causar exclusão, e, no limite, a morte de sujeitos que ou são deixados de lado em campanhas de caráter eugenista ou, por fim, não se enquadram na normalização. A biopolítica pode se tornar, enfim, tanatopolítica.

Foucault procurou pensar uma resistência a esse biopoder, conforme mostraremos no próximo item, em diálogo com Paul Preciado. No entanto, na visão de alguns, inclusive do próprio Preciado, a saída oferecida por Foucault não é muito interessante.

PRECIADO: SEXOPOLÍTICA E CONTRASSEXUALIDADE

Paul B. Preciado é um filósofo, teórico do gênero e que foi fortemente influenciado pelas filosofias de Butler, Derrida e Foucault. Contudo, a relação com este último é notadamente ambígua. Ao mesmo tempo em que Preciado reconhece sua dívida para com Foucault, ele indica que o filósofo francês não percebeu elementos importantes em sua análise do sexo/sexualidade. Nesse sentido, é preciso ir além de Foucault.

Um questionamento se impõe: como Foucault pensava a resistência ao biopoder? Para responder a esta questão, é preciso compreender a “virada” que acontece na obra de Foucault com a passagem para os anos oitenta. A publicação dos volumes dois e três de *História da sexualidade* causaram surpresa aos leitores do filósofo francês, afinal, ele faz uma “volta aos gregos”. O objeto de estudo é pensamento antigo. De fato, essa volta não é fortuita, mas serve para pensar o que poderia ser o governo de si. Em outros termos, se nos anos setenta Foucault mira seus esforços em compreender o governo político dos outros, agora, nos anos oitenta, suas preocupações voltam-se para o governo ético de si.

Foucault parece encontrar no pensamento antigo uma dinâmica muito diferente do pensamento moderno e contemporâneo, no que diz respeito à ética sexual. Seu interesse reside, então, naquilo que ele chama “artes da existência”.

Deve-se entender, com isso, práticas refletidas e voluntárias, através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também

procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora e certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo (FOUCAULT, 1984, p. 17-18).

Nosso pensador entende que os gregos possuíam algo interessante e que, ao longo tempo, foi-se perdendo, a saber, a criação da própria vida. A vida, com tudo o que ela comporta – a dieta, o sexo, as relações -, é vista como objeto de uma reflexão constante, a fim de criar uma existência bela. É salutar, para esse tipo de ética, cuidar de si mesmo.

Foucault (2002) identifica nas comunidades gays estadunidenses reflexos dessa cultura de si. Segundo ele, por exemplo, “o gueto S/M de São Francisco é um bom exemplo de uma comunidade que tem a experiência do prazer e que se constitui em torno desse prazer” (FOUCAULT, 2002, nº 358, p. 1559, tradução nossa). Para ele, o movimento homossexual no Estados Unidos utiliza uma estratégia positiva ao não se perguntar sobre o que é ser homossexual, ou seja, sua identidade, mas, sobretudo, a partir do fato de que se é homossexual, procuram construir uma cultura. De fato, afirma ele, “nós não devemos descobrir que somos homossexuais [...]. Nós devemos, antes, criar um modo de vida gay. Um tornar-se gay” (FOUCAULT, 2002, nº 358, p. 1559, tradução nossa). Por certo, essa é uma forma de criar uma subjetividade não sujeitada. É uma forma de subjetivação ética, isto é, nos termos de Foucault (1984), o trabalho de relação consigo mesmo e com os outros. Há, no entanto, o problema dessas reflexões serem muito esparsas e pouco desenvolvidas. E, conforme critica Preciado (2011), Foucault busca nos gregos, em detrimento de seu próprio contexto histórico, a construção dessa cultura de si ou forma de subjetivação. No entanto, mesmo que ele tenha oferecido algumas entrevistas sobre os modos de vida gay, Foucault era radicalmente contra qualquer forma de identidade⁵.

Preciado irá identificar alguns limites para essa proposta. De fato, “à história da sexualidade iniciada por Foucault devemos acrescentar vários capítulos” (PRECIADO, 2011, p. 12). Em artigo muito difundido no Brasil, *Multidões queer*, Preciado (2011) propõe pensar com Foucault para além dele. Navegando entre a crítica teórica e a experimentação empírica, acreditamos que Preciado constitui uma importante personagem para a compreensão da construção e desconstrução de subjetividades. Vejamos como ele constrói sua argumentação.

É com o conceito de “sexopolítica” que ele inicia sua reflexão. Tal conceito é uma derivação de sua leitura de Foucault. Como afirmamos, Foucault é ambíguo ao definir sexo e sexualidade, que parecem ser tomados como sinônimos. Preciado (2011), por sua vez, oferece uma importante definição de “sexo”. O sexo diz respeito aos chamados órgãos sexuais, as práticas sexuais e também os códigos de masculinidade e de feminilidade, as identidades sexuais normais e desviantes que são, portanto, investidos como alvos do biopoder. Reconhece, igualmente, a importância de Foucault ao citar as suas análises sobre a passagem da sociedade de soberania para a sociedade de disciplina. A primeira, decide e ritualiza sobre a morte; a segunda, calcula tecnicamente a vida “em termos de população, de saúde ou de interesse nacional” (PRECIADO, 2011, p. 12).

Preciado (2011) não está interessado, como parece acontecer em Foucault, apenas em compreender como o poder produz subjetividades. Utilizando o conceito de “potência da vida” – biopolítica positiva, muito utilizada pelos pensadores italianos⁷ – ele afirma que, “podemos compreender os corpos e as identidades dos anormais como potências políticas, e não simplesmente como

efeitos dos discursos sobre o sexo” (PRECIADO, 2011, p. 12). Por certo, o que Preciado deseja, em conjunto com a política *queer*, é a construção de uma realidade outra, que consiga se afastar da normalização e opressão dos corpos e subjetividades.

Com efeito, uma outra e importante crítica é endereçada a Foucault. Preciado (2011) aponta que a abordagem foucaultiana é muito dependente da ideia de disciplina do século XIX. Conscientemente ou não, ele ignora os movimentos feministas, a subcultura sadomasoquista ou movimentos gays revolucionários, notadamente o FHAR (Frente Homossexual de Ação Revolucionária), na França. Preciado (2011) aponta para o fato de que, se Foucault levasse mais “a sério” tais movimentos, provavelmente entenderia a proliferação das tecnologias do sexo no século XX e, por extensão, podemos afirmar que também no século XXI. Essas técnicas englobam

“[...] a medicalização e tratamento de crianças intersexos, gestão cirúrgica da transexualidade, reconstrução e ‘aumento’ da masculinidade e da feminilidade normativas, regulação do trabalho sexual pelo Estado, boom das indústrias pornográficas” (PRECIADO, 2011, p. 13).

Mas, talvez mais importante, seja a rejeição de Foucault ao ativismo gay e a noção de identidade. “Sua rejeição [de Foucault] à identidade e ao ativismo gay levá-lo-á a forjar uma retroficção à sombra da Grécia Antiga” (PRECIADO, 2011, p. 13). Pode-se depreender daí que as noções de modo de vida, cultura de si, estética da existência, pelo menos na aparência, são vistas como muito abstratas pelo filósofo espanhol. Qual a saída?

O que vale a pena notar é que o corpo não é, para Preciado (2011), um dado passivo sobre o qual o poder age.

A sexopolítica torna-se não somente um lugar de poder, mas, sobretudo, o espaço de uma criação no qual se sucedem e se justapõem os movimentos feministas, homossexuais, transexuais, intersexuais, transgêneros, chicanas, pós-coloniais... As minorias sexuais tornam-se multidões. O monstro sexual que tem por nome multidão torna-se *queer* (PRECIADO, 2011, p. 14).

Talvez o *insight* mais interessante de Preciado (2011) resida em sua percepção de que os corpos “anormais” tenham resistido aos processos de normalização e, portanto, “fracassaram”. Assim, “porque porta em si mesma, como fracasso ou resíduo, a história das tecnologias de normalização dos corpos, a multidão *queer* tem também a possibilidade de intervir nos dispositivos biotecnológicos de produção de subjetividade sexual” (PRECIADO, 2011, p. 14). Portanto, é exatamente porque os corpos “fracassaram” às tentativas de normalização que podem realizar uma política outra; que podem, enfim, desconstruir suas subjetividades e buscar novas formas de se compreender e se relacionar com os outros.

É preciso admitir, diz ele, que os corpos não são mais dóceis – pelo menos não totalmente dóceis. Então, a busca por outras tecnologias deve ser almejada. Tal como Foucault, que afirmava a possibilidade de inversão do dispositivo de sexualidade, Preciado (2011), contra ele, insiste na identidade – identificação – como jogo político estratégico. Essa estratégia é interessante pois, ao contrário da *scientia sexualis*, agora são os próprios “viados”, “sapatas” e transgêneros os sujeitos da enunciação⁸. Sendo assim, ela celebra a confiança que esses movimentos possuem na identidade, face a desconfiança de Foucault, Deleuze,

Wittig e outros/as. Veremos abaixo que essa estratégia é influenciada, em grande medida, por sua leitura de Judith Butler.

É, no entanto, com o *Manifesto contrassexual* (2014) que Preciado desenvolve mais adequadamente os princípios de sua filosofia. Também é nesta obra que ele deixa mais explícita sua relação conflituosa com Foucault.

O grande conceito introduzido pelo filósofo espanhol nesta obra é, precisamente, o conceito de “contrassexualidade”. Com este conceito entende “o fim da Natureza como ordem que legitima a sujeição de certos corpos a outros” (PRECIADO, 2014, p. 21). Com o conceito de contrassexualidade podemos afirmar que a intenção de Preciado é criticar o que é visto como “natural”, aquilo que sempre “esteve aí”, mas que, numa análise mais apurada, revela-se como uma repetição sempre renovada que assume ares de normalidade. É desse modo, através da diferenciação de gênero e de sexo que a heterossexualidade passa a ser vista como norma (BUTLER, 2012). Essa seria a sua tarefa mais “teórica”.

Não obstante, Preciado (2014) afirma uma outra intenção com o conceito de contrassexualidade, qual seja, pensar a substituição do contrato social chamado de Natureza para um “contrato contrassexual”. Segundo ele, “no âmbito do contrato contrassexual, os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes, e reconhecem os outros corpos como falantes” (PRECIADO, 2014, p. 21). Revelando mais uma vez sua relação com Foucault, podemos afirmar que essa tarefa é muito parecida com o que Foucault fala ao final de *A vontade de saber*: “Contra o dispositivo de sexualidade, o ponto de apoio do contra-ataque não deve ser o sexo-desejo, mas os corpos e os prazeres” (FOUCAULT, 1988, p. 171). Preciado sonha com a nova sociedade contrassexual por dois motivos. Em primeiro lugar, ela seria uma sociedade que se dedicaria à desconstrução da naturalização das práticas sexuais e dos desejos. Em segundo lugar, ela proclama a equivalência de todos os corpos falantes.

Exibindo mais vez sua relação muito próxima, embora não sem conflitos, com Foucault, ela afirma que a contrassexualidade provém indiretamente dele. Exatamente o ponto em que ele, ao pensar a resistência aos poderes que assumem a gestão da vida, advoga não ser interessante lutar simplesmente contra a proibição. Antes, segundo ele, Foucault busca a contraproduzitividade, isto é, “produção de formas de prazer-saber alternativas à sexualidade moderna” (PRECIADO, 2014, p. 22)⁹. Nesse sentido, ele propõe em seu livro práticas de resistência ao biopoder.

Foucault defendia o sadomasoquismo como forma de repensar os corpos e os prazeres, desgenitalizando o sexo. Como bem mostra Francisco Ortega (1999), o sadomasoquismo é visto por Foucault como uma espécie de tecnologia de resistência. Com efeito, “o sadomasoquismo e outras tecnologias de si sexuais constituem uma ascese sexual, que se opõe à implantação de uma identidade via sexualidade” (ORTEGA, 1999, p. 145). Foucault (2001) vê nas práticas S/M uma possibilidade de intensificar o prazer em cada parte do corpo; elas permitem novas formas de prazer, fora da dinâmica dos genitais. Por isso, também nas *bathhouses* (saunas gays) Foucault (2001) enxerga uma dessujeição. Nestes locais, encontram-se apenas homens que se enxergam a si mesmos como corpos em busca de prazer. Essas práticas, “novas” no período que Foucault as tematiza – final da década de 1970 e início de 1980 –, eram vistas como formas de criação de novas subjetividades¹⁰.

Preciado (2014, p. 23) também se interessa por uma “sexualização do corpo em sua totalidade”. Por isso, em sua obra, ele faz referência a práticas contrassexuais, isto é, práticas que não recorrem ao dualismo homem/mulher ou masculino/feminino, mas são, sobretudo modos dos corpos se relacionarem visando a obtenção do prazer. Esse prazer, muitas vezes, não se concentra nos órgãos chamados sexuais. Contudo, antes do campo do empírico, ele chama nossa atenção para a questão da criação dos corpos sexuados e de sua subjetividade.

O sexo – visto como órgão e prática - é compreendido como produção biopolítica a serviço do controle e normalização dos corpos em direção à heterossexualidade. Certamente, essa noção de heterossexualidade como forma de dominação provém da leitura de Monique Wittig em *The straight mind* (O pensamento hétero)¹¹. A ideia metafísica de “natureza humana heterossexual” pode ser colocada na conta dessa tecnologia social que é a sexopolítica.

O sistema heterossexual é um dispositivo social de produção de feminilidade e masculinidade que opera por divisão e fragmentação do corpo: recorta órgãos e gera zonas de alta intensidade sensitiva e motriz (visual, tátil, olfativa...) que depois identifica como centros naturais e anatômicos da diferença sexual” (PRECIADO, 2014, p. 25).

Certamente na esteira de Derrida, ele compreende o sistema sexo/gênero como um sistema de escritura. Nele, “o corpo é socialmente construído”. Nesse sentido, apoiado agora Butler, ele afirma

A (hetero)sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever ou se reinstruir através de *operações constantes de repetição e de recitação dos códigos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais* (PRECIADO, 2014, p. 26, grifos nossos).

Com efeito, uma das tarefas da contrassexualidade é identificar os “espaços errôneos”, as “falhas na estrutura do texto”, isto é, dos corpos. “Corpos intersexuais, hermafroditas, loucas, caminhoneiras, bichas, sapas, bibas, fanchas, butchs, históricas, saídas ou frígidas, hermafrodykes...” (PRECIADO, 2014, p. 27). É preciso, no entanto, atentar-se para um erro muito comum. Quando se faz referência à escritura, isso não quer dizer que se deva buscar uma mudança abstrata na linguagem que, supostamente, nos conduziria ao reino da igualdade. Mais importante seria modificar as posições de enunciação. Nesse sentido, a obra de Butler, principalmente seu conceito de performatividade, é importantíssima para entender os atos de fala, bem como as posições de enunciação.

Dessa maneira, por exemplo, *sapatona* passa de um insulto pronunciado pelos sujeitos heterossexuais para marcar as lésbicas como “abjetas”, para se transformar, posteriormente, em uma autodenominação contestadora e produtiva de um grupo de “corpos abjetos” que, pela primeira vez, tomam a palavra e reclamam sua própria identidade (PRECIADO, 2014, p. 28)

Após isso, ou seja, após a compreensão da produção biopolítica (médica, psicologizante, fundada em dados estatísticos e medidas disciplinares), bem como após a compreensão performativa da construção dos corpos, gêneros e sexualidades, pode-se imaginar uma outra forma de viver e se relacionar com os outros. Nossa aposta é a de que, por meio da compreensão acerca da construção das subjetividades sujeitadas, podemos galgar a construção de subjetividades ativas.

Evidentemente, Preciado não oferece fórmulas prontas. Mas sua própria existência, militância e reflexão oferecem pistas para a busca de novos modos de vida. Foucault sempre se recusou a ser um guia para as condutas. Para ele, no entanto, cabe a cada um de nós, ao recusar uma subjetividade imposta, construir algo novo a partir do que está disponível em nossa cultura. O uso do testogel, do dildo, as práticas S/M talvez constituam possibilidades, aberturas para uma outra forma de lidar com o corpo e com os outros.

O que Foucault, Preciado e outros/as teóricos/as do gênero e da sexualidade nos mostram, em suma, é que o sujeito, ou seja, o “ser” sujeito, nunca é algo dado, nunca faz parte de uma suposta “natureza humana”. É preciso, um trabalho intenso de começar e recomeçar a produzir subjetividades “livres”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os/as *queers* praticam uma forma burlesca que consiste em elevar ao cume o que é rebaixado, em virar do avesso, em inverter. Em se voltar contra aqueles/as que os/as sujeitam com elegância ou *kitsch*. Há algo disso também em uma denominação como “teoria queer” quando pensamos: é a teoria dos viados, a teoria do cu. Há também uma vontade de falar do sexo sem nunca retomar o vocabulário médico ou psicanalítico.

Sam Bourcier

A partir do exposto, queremos concluir que a leitura de Foucault e Preciado permitem fomentar a nossa imaginação política e ética no sentido da busca por espaços de criação no presente. Em outros termos, não podemos, segundo essa corrente teórica, colocarmo-nos em um local fora das relações de poder. Não há um lugar do Fora do poder. Nesse sentido, a liberdade só pode acontecer no interior da própria dinâmica do poder. Buscando no interior de uma situação as potencialidades de criação.

Desse modo, é preciso realmente levar em conta o diagnóstico foucaultiano dos poderes atuantes em nossa sociedade. Não se trata de um poder dominador, no sentido clássico do termo. A forma de poder atuante em nossa sociedade é de tipo (neo)liberal, ou seja, necessita de sujeitos “livres”. A estratégia do governo neoliberal é dar forma a indivíduos que se enxergam como livres, dotados de “escolha”, impondo a si mesmos regras de conduta. O curso de 1979 intitulado *Nascimento da biopolítica* (2008) oferece uma análise ampla, rigorosamente amparada em textos e muito perspicaz ao mostrar que o liberalismo – e principalmente o neoliberalismo – não eliminou o que chamamos de dominação. Ao contrário, ele cria muitos outros de dominação. O neoliberalismo “promoveu uma ética e um ideal de liberdade pessoal, condicionando o exercício dessa liberdade a uma submissão a novas e insidiosas formas de autoridade, a mecanismos de controle internalizados cada vez mais profundamente” (HALPERIN, 2000, p. 40). Esse tipo de poder, em pleno funcionamento em nossas sociedades, nos produz enquanto subjetividades egoístas, concorrenciais e consumistas¹².

Para um bom entendimento das questões de gênero e sexualidade, bem como da consequente possibilidade de criação de uma outra cultura, é preciso levar em conta que a forma política do capitalismo contemporâneo dissolve nossa

solidariedade e nossos laços com os outros. Nesse sentido, dificulta ou mesmo impossibilita a criação de relações livres de dominação de gênero e/ou sexualidade. Muito mais grave, talvez, encontre-se no fato de que a forma do capitalismo neoliberal reinante em nossas sociedades ocidentais impede-nos de pensar uma sociedade, tal como sonham Foucault e Preciado, onde importe apenas os corpos e os prazeres.

Nossa intenção com este texto foi incitar a reflexão para o fato de que é possível, e necessário, desnaturalizar o real e seus “saberes” para que outra política seja possível. Desde a injúria, passando pela normalização “científica” culminando com os mecanismos mais sutis. Nossa tarefa primeira, teórica e filosófica, é a compreensão. Por meio da compreensão acerca da constituição de nós mesmos e de nossa subjetividade podemos vislumbrar o horizonte de mudança. Talvez, em suma, após essa tarefa, consigamos criar uma sociedade onde tenhamos uma maior solidariedade, igualdade, liberdade e paz.

Michel Foucault and Paul B. Preciado: notes on the production and deconstruction of subjectivities

ABSTRACT

This article is intended to be a presentation of the elaborations of Michel Foucault and Paul B. Preciado on the question of production and the deconstruction of subjectivity. In dialogue with queer theory and gender studies, we intend to present how Foucault pioneered the issue of sexuality and, from the path opened by him, to understand the subsequent developments. In this sense, Preciado's thought seems to us salutary for a development of Foucault's discoveries. After all, even if the French philosopher understood sexuality wrapped up in power relations, his proposal of resistance does not reveal itself in its radicality. Dear, in turn, recognizing the importance of Foucault's investigations, he seeks to ally theory and practice, that is, by building a reflection on resistance in the key of what he will call constrassexualidade. As a methodology, we will use mainly the genealogical texts of Michel Foucault, namely, *Vigiar e punir*, *A vontade de saber* and some courses from the period of 1970. To work with Preciado's thought we will use the works *Manifesto contrassexual* and *Texto Junkie*, as well as the article *Multidões queer*. In short, we do not have the intention, in itself impossible, to account for this debate. On the contrary, we intend to offer "notes", that is, clues for reflection on the being subject in the contemporary world.

KEYWORDS: Power; queer theory; Michel Foucault and Paul Preciado; resistance; sexuality device.

Michel Foucault y Paul B. Preciado: notas sobre la producción y deconstrucción de subjetividades

RESUMEN

Este artículo pretende ser una presentación de las elaboraciones de Michel Foucault y Paul B. Preciado en la cuestión de la producción y la deconstrucción de la subjetividad. En diálogo con la teoría queer y los estudios de género, pretendemos presentar cómo Foucault fue pionero en el tema de la sexualidad y, a partir del camino abierto por él, comprender los desarrollos posteriores. En este sentido, el pensamiento de Preciado nos parece saludable para el desarrollo de los descubrimientos de Foucault. Después de todo, aunque el filósofo francés entendió la sexualidad envuelta en relaciones de poder, su propuesta de resistencia no se revela en su radicalidad. Querido, a su vez, reconociendo la importancia de las investigaciones de Foucault, busca aliar la teoría y la práctica, es decir, construyendo una reflexión sobre la resistencia en clave de lo que llamará contrasexualidad. Como metodología, utilizaremos principalmente los textos genealógicos de Michel Foucault, a saber, Vigiar e punir, A vontade de saber y algunos cursos del período de 1970. Para trabajar con el pensamiento de Preciado utilizaremos las obras Manifiesto contrasexual y Texto Junkie, así como el artículo Multidões queer. En resumen, no tenemos la intención, en sí misma imposible, de dar cuenta de este debate. Por el contrario, pretendemos ofrecer "notas", es decir, pistas para la reflexión sobre el ser sujeto en el mundo contemporáneo.

PALABRAS CLAVE: Poder; teoría queer; Michel Foucault y Paul Preciado; resistencia dispositivo de sexualidad.

NOTAS

¹ Paul B. Preciado é um filósofo que, utilizando a terminologia identitária, podemos chamar de trans homem. De fato, até 2014 era conhecido como Beatriz Preciado. A partir de 2015 passa a utilizar Paul Preciado, sem suprimir, no entanto, Beatriz. Em 16 de novembro de 2016, conforme conta em artigo de jornal, é reconhecido pelo Estado como Paul B. Preciado, assumindo a identidade masculina (cf. PRECIADO, 2016, s/p).

² Teoria *queer* é a designação oferecida para um campo de estudos que possui como objeto os corpos historicamente deixados à margem: os gays “femininos” e as lésbicas “masculinas”, os corpos trans, os corpos que não pretendem possuir alguma identificação, os negros/as, as dissidências sexuais em sua totalidade. *Queer*, primeiramente um xingamento em inglês, significando “esquisito”, “estranho”, era utilizado para se referir pejorativamente aos gays. *Queer* era a pessoa “bicha” ou “viado”. Para Miskolci (2015, p.17), a teoria *queer* busca “trazer ao discurso as experiências do estigma e da humilhação social daquelas pessoas que são frequentemente xingadas, humilhadas por causa da sua não normatividade de gênero”.

³ Há um problema de definição dos conceitos em Foucault. Assim como é difícil diferenciar o biopoder da biopolítica, Foucault não realiza uma diferenciação entre “sexo”, “sexualidade”, “gênero”. De fato, como mostra a passagem seguinte de *A vontade de saber*, ele parece entender “sexo” e “sexualidade” do mesmo modo. Diz ele: “Quanto a nós, estamos em uma sociedade ‘do sexo’, ou melhor, ‘de sexualidade’” (FOUCAULT, 1988, p. 160). Preciado pode ajudar-nos a compreender essa ambiguidade entre os conceitos quando teoriza a questão da “sexopolítica”. Com este conceito, o filósofo reúne no conceito de “sexo”, “os órgãos chamados ‘sexuais’, as práticas sexuais e também os códigos de masculinidade e de feminilidade, as identidades sexuais normais e desviantes” (PRECIADO, 2011, p. 11). Acreditamos que para ambos, “sexo” ou “sexualidade” refere-se, *grosso modo*, a esse campo amplo dos cálculos de poder.

⁴ Quando perguntado se achava que a homossexualidade fosse inata ou construção social, Foucault é taxativo: “Eu não tenho estritamente nada a dizer sobre este tópico. Sem comentários” (FOUCAULT, 2002, nº 317, p. 1140, tradução nossa).

⁵ Sobre a questão da identidade, ao ser perguntado, Foucault responde que ela deve ser vista sob um ângulo estratégico. Ou seja, “se a identidade é apenas um jogo, apenas um procedimento para favorecer relações, relações sociais e as relações de prazer sexual que criem novas amizades, então ela é útil. Mas se a identidade se torna o problema mais importante da existência sexual, se as pessoas pensam que elas devem ‘desvendar sua ‘identidade própria’ e que esta identidade deva tornar-se a lei, o princípio, o código de sua existência; se a questão que se coloca continuamente é: ‘Isso está de acordo com minha identidade?’, então eu penso que fizeram um retorno a uma forma de ética muito próxima à da virilidade heterossexual tradicional. Se devemos nos posicionar em relação à questão da identidade, temos que partir do fato de que somos seres únicos. Mas as relações que devemos estabelecer conosco mesmos não são relações de identidade; elas devem ser antes relações de diferenciação, de criação, de inovação. É muito chato ser sempre o mesmo. Nós não devemos excluir a identidade se é pelo viés da identidade que as pessoas encontram seu prazer, mas

não devemos considerar essa identidade como uma regra ética universal” (FOUCAULT, 2001, nº 358, p. 1558, tradução nossa).

⁶ Muitas dessas reflexões são desenvolvidas em obra mais recente intitulada *Testo Junkie*, publicada no Brasil em 2018 pela editora n-1. Referência completa ao final do artigo.

⁷ Principalmente Toni Negri e Maurizio Lazzarato.

⁸ “As identificações negativas como "sapatas" ou "bichas" são transformadas em possíveis lugares de produção de identidades resistentes à normalização, atentas ao poder totalizante dos apelos à ‘universalização’” (PRECIADO, 2011, p. 15).

⁹ Vale a pena lembrar uma passagem de Foucault em entrevista quando da publicação de *A vontade de saber*. Ele afirma que os homossexuais, estrategicamente, invertem o discurso médico e psiquiátrico que buscava normalizá-los e estigmatizá-los. Assim, “tomando ao pé da letra tais discursos e contornando-os, vemos aparecer respostas em forma de desafio: está certo, nós somos o que vocês dizem, por natureza, perversão ou doença, como quiserem. E, se somos assim, sejamos assim e, se vocês quiserem saber o que nós somos, nós mesmos diremos, melhor que vocês” (FOUCAULT, nº 200, p. 260, tradução nossa).

¹⁰ Não obstante, Ortega mostra que há uma dificuldade nessa tematização do sadomasoquismo. Diz ele: “a alternativa foucaultiana é uma maneira elitista de utilizar o corpo ativamente contra o dispositivo de sexualidade. Podemos concordar com a genealogia foucaultiana do corpo como produto de um poder disciplinar e do dispositivo sexual que o atravessa e constitui; contudo, se a única alternativa de usar o corpo ativamente, se a única possibilidade de se defender está no sadomasoquismo e outros jogos semelhantes, ela é uma solução problemática e, sobretudo, difícil de generalizar, para ser apreendida como uma ‘ferramenta’” (ORTEGA, 1999, p 149).

¹¹ Monique Wittig (2006) afirma em sua obra sobre a mente hétero que esta é, acima de tudo, uma técnica de construção de corpos heterossexuais. Os discursos que o compõem exercem uma violência sobre os corpos e negam a possibilidade de criarmos nossa própria linguagem e categorias. Segundo ela, por fim, “o caráter opressivo que reveste o pensamento heterossexual está em sua tendência a universalizar imediatamente sua produção de conceitos, em formular leis gerais que valem para todas as sociedades, todas as épocas e todos os indivíduos” (WITTIG, 2006, p. 51-52, tradução nossa).

¹² Importante notar que a política queer não exclui uma reflexão sobre o neoliberalismo, ou seja, sobre a forma do capitalismo contemporâneo. Como afirma Sam Bourcier em entrevista: “‘Quanto você custa?’, ‘Quanto você nos custa?’, ‘Quanto você produz?’ são as novas questões que faz agora um regime de produção da verdade do sexo indexado sexual e racialmente, ligado aos mercados nacionais e internacionais nessa era neoliberal. Para mim, é impossível fazer política *queer* sem combater o neoliberalismo, e é também por isso que há uma clara oposição entre as políticas LG e as políticas *queer* e transfeministas” (BOURCIER, 2015, p. 15).

REFERÊNCIAS

- BOURCIER, Sam. Entrevista com Marie-Hélène/Sam Boucier. In: **Revista Cult**, nº 205, ano 18, setembro de 2015.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**, trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**, trad. Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade II: **O Cuidado de si**, trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: **A vontade de saber**, trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits (1954 -1988)**. Paris: Gallimard, 2001, 2 vol.
- FOUCAULT, Michel. **O poder psiquiátrico**, trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**, trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Nascimento da prisão, trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2010.
- HALPERIN, David. **San Foucault**. Para uma hagiografia gay. Córdoba: Edelp/Cuadernos de Litoral, 2000.
- LOURO, Guacira Lopes. Foucault e os estudos *queer*. In: Margareth Rago, Alfredo Veiga-Neto, organizadores. **Para uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- MISKOLCI, Richard. Abjeção e desejo. Afinidades e tensões entre a Teoria *Queer* e a obra de Michel Foucault. In: Margareth Rago, Alfredo Veiga-Neto, organizadores. **Para uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2015.
- OKSALA, Johanna. O sujeito neoliberal do feminismo. In: RAGO, Margareth, Org.; PELEGRINI, Mauricio, Org. **Neoliberalismo, feminismo e contracondutas: perspectivas foucaultianas**. São Paulo: Intermeios, 2019.
- ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- PRECIADO, Paul Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos anormais. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, 19(1): 312, janeiro-abril/2011.

Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n1/a02v19n1.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2020.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto contrassexual**, trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**, trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PRECIADO, Paul Beatriz. La destruction fut ma Beatriz. In: **Libération**, 25 novembre, 2016. Disponível em https://www.liberation.fr/debats/2016/11/25/la-destruction-fut-ma-beatriz_1531021. Acesso em: 07 mar. 2020.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer**, seguido de **Ágape êxtase: orientações pós-seculares**, trad. Heci Regina Candiani. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

WITTIG, Monique. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos**, trad. Javier Sáez y Paco Vidarte. Madrid: Editorial Egales, 2006.

ZAGO, Luiz Felipe. Homens, homens gay. In: **Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos**. Horácio Costa et al. (org). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

Recebido: 20/04/2020.

Aprovado: 10/06/2020.

DOI: 10.3895/cgt.v14n43.12033.

Como citar: ALEIKSEIVZ, Renato Alves. Michel Foucault e Paul B. Preciado: notas sobre a produção e a desconstrução de subjetividades. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 52-73, jan./jun. 2021.

Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Renato Alves Aleikseivz

Rua Rio Paraná, 634, Iguaçu, Fazenda Rio Grande, Paraná, Brasil.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

